

Uma psicanálise orientada para o real*

Éric Laurent

Em relação a Robert e Rosine o que mais me impressionou é que deram um passo à frente, mantido até o final de sua transmissão, graças à sua orientação para o real. Deram esse passo à frente desde a publicação de *Nascimento do Outro*,¹ momento em que todo mundo se surpreendeu: colocava-se em questão o dogma segundo o qual o simbólico já está aí desde sempre. Seria preciso, então, voltar a interpretar o que se acreditava saber a partir de sua experiência.

Eles mantiveram esse passo adiante à medida que a leitura do último ensino de Lacan, feita por Jacques-Alain Miller, acentuava as novas modalidades de enodamento entre real, simbólico e imaginário. Mantiveram-no em sua concepção de psicanálise em geral, na variação de seus comentários clínicos sempre surpreendentes, desfazendo o que podia ser uma classificação fixa em um dado momento. Mantiveram-no recolhendo o que, no discurso contemporâneo, iria converter-se no significante com o qual se abordaria o real da psicose: o autismo. Anteciparam o sucesso desse significante que hoje designa, de maneira epidêmica, outro paradigma da doença mental.

Existe, na posição de Rosine e Robert Lefort, algo que se transmitiu entre a mãe de Rosine — Geneviève Tabouis, admirável jornalista — e sua filha. As reportagens da senhora Tabouis sempre começavam por: “Vocês saberão amanhã...”, índice de um desejo de antecipar um acontecimento, de estar adiantada e de manter essa posição de enunciação. Tal orientação foi paradoxalmente extraída da análise de Rosine e lhe deixou com a sensação de que, de todos os modos, ela estaria em atraso a respeito de si mesma, de que ela não poderia atingir, em seu comentário clínico, o ponto de certeza ao qual havia podido chegar ao final de sua análise. Jacques-Alain Miller destacou esse ponto, dando-lhe todo seu valor nas palavras de Lacan a Rosine: “Na posição em que estava, a senhora não podia se equivocar.”

É a partir desse ponto, alcançado no que podemos chamar o passe de Rosine, que ela passou à analista e se autorizou em suas manobras interpretativas, protótipos da interpretação fora do sentido. Em seu enfoque da experiência do passe, Robert e Rosine mantiveram esse passo à frente, salientando variações e descrições desse ponto de nomeação que Rosine havia

¹ LEFORT, Rosine y Robert. *Naissance de l'Autre*. Paris: Seuil, 1980. Edição brasileira: *Nascimento do Outro*. Salvador: Editora Fator Livraria, 1984.

atravessado e cernido como tal. Seu enfoque de *As Senhoritas de Avignon* como passe de Picasso testemunha isso.²

Os efeitos de um significante novo

Eles anteciparam a mudança de paradigma que iria suceder no enfoque das psicoses de criança, a partir da qual se produz o primeiro filme de Sandrine Bonnaire. Uma apresentação na televisão permitiu-nos conhecê-la na sexta-feira, 14 de setembro.³ O significante “autismo” funciona, com efeito, nesse comovedor filme, como o ponto de Arquimedes, que permite à dor das irmãs Bonnaire ser nomeada e encontrar uma nova solução.

O filme-documentário inicia-se com uma constatação da falta da atenção psiquiátrica clássica. A irmã de Sandrine, Sabine, doente desde muito pequena, foi deixada com a família em uma espécie de abandono por “falta de estruturas adaptadas” até o episódio que requereu sua hospitalização. A própria hospitalização é apresentada em suas consequências catastróficas.

“Um lugar de vida” em um pequeno grupo permite agora a Sabine atravessar o que foi uma verdadeira morte subjetiva.

Há dois interlocutores presentes⁴ para discutir sobre as consequências gerais dessa carência particular. Um deles, representante do sindicato dos hospitais, defende o discurso da psiquiatria. Reconhece a dificuldade nesse caso particular, mas advoga em favor dos benefícios da modernidade. Quanto mais detecção precoce, mais tratamento e mais estimulação, melhor. O outro debatedor advogará, com uma “forte implicação emocional”, pelos “lugares de vida” como remédio à deterioração do laço social experimentada pelo sujeito psiquiatrizado. Trata-se de um responsável “social” da região de Poitou-Charentes cuja orientação humanista é conhecida.

O significante com o qual Sandrine se pode confrontar, frente à terrível evolução de sua irmã, que funciona na família como um tipo de duplo de si mesma, é pobre, mas suficiente. Sabine é diagnosticada de “psico-infantil, com condutas autísticas”. Nele encontra-

² LEFORT, Rosine e Robert. *Les demoiselles d'Avignon*. *Ornicar?*, Paris, n.46, 1988, p.81-92. Cf. também o texto de François Leguil na mesma publicação.

³ BONNAIRE, Sandrine. *Elle s'appelle Sabine*, transmitido na sexta-feira, 4 de setembro de 2007, às 20h55, no canal France 3.

N. T.: O Núcleo de Psicanálise com Crianças, do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, promoveu uma exibição do filme em 25 de março de 2009, seguida de uma conversação.

⁴ N.T. Fica subentendido que o que segue descrito no parágrafo concerne ao programa de televisão em que o filme em questão foi exibido.

se toda a ambiguidade. A passagem de psicose infantil a psico-infantil permite a introdução de um significante novo: Autismo.

Paradoxalmente, é uma esperança, esse novo significante não remete a uma doença: os medicamentos não a curam. É uma deficiência. Isso traz a esperança de que ela tenha acesso a um laço social humanizado, longe do discurso científico ao qual esteve confrontada com a atribuição da doença. A própria violência de Sabine testemunha algo ligado à dimensão do autismo, se, como dizem os Lefort:

As conseqüências são centrais no autismo: nem especularidade nem divisão do sujeito, mas um duplo com o qual o autista se depara em cada outro, seu semelhante, cujo perigo mais agudo é a iminência de seu gozo e a necessidade de matar nele essa parte que a linguagem não eliminou, para que se funde uma relação com o Outro como aterro limpo de gozo. [...] Esta necessidade é a fonte pulsional do autista, ou seja, da destruição/autodestruição como satisfação/gozo da única pulsão, a pulsão de morte.⁵

O destaque dado à relação de agressividade de Sabine com seu duplo, nas sequências filmadas, torna muito mais pungente a travessia que Sandrine realiza em seu primeiro filme; ela, nesse momento, passa para detrás da câmara: efetivamente, sempre estivera nesse lugar para essa irmã, Sabine, a quem filmava há muito tempo.

A posição de duplo de Sandrine resulta do resto de palavra ao qual Sabine a conecta. Qualquer que seja o tipo de diálogo ao qual tenta atrair sua irmã — “*Você se lembra...*” ou “*Por quem está apaixonada?*” —, Sabine responde com uma pergunta sobre o ser-aí da outra: “*Fica comigo?*”, “*Quando vem?*”, “*Quanto tempo você fica?*”

A constituição da presença do duplo vai de mãos dadas com sua destruição. Sabine, que pode destruir tudo a seu redor, protege de seu próprio furor os poucos objetos que lhe restam (boneca, jogos), fechando-os em uma rede de vime. Também pede que a tranquem — a ela mesma — para dormir. Ela é a boneca fechada na rede.

A disponibilidade dos acompanhantes de Sabine para se fazerem a sombra de um duplo é surpreendente. Não a querem estimular ou acionar???? demais, não obstante, não desejam abandoná-la à sua inércia mortal. Efetuam com ela uma “prática entre vários” sem sabê-lo. Fazem o essencial.

Como conseguem ocupar-se desses sujeitos? Não sabemos, e seria preciso lhes perguntar a respeito. Em troca, sabemos o que permitiu a Rosine inventar sua prática com as

⁵ LEFORT, Rosine et Robert. *La distinction de l'autisme*. Paris: Éd. Seuil, 2003. p.182.

crianças, órfãs, abandonadas com uma grande carência, e se manter sempre “atrasada” a respeito de si mesma, em Parent de Rosan. O momento no qual inaugurou sua prática correspondia, em sua análise, a um momento de passe. Seu desejo de analista foi decidido aí.

A partir dessa autorização, ela pode, com decisão, orientar-se em uma clínica radicalmente nova. Permaneceu fiel ao acontecimento inaugural, sem cessar, com seu comentário ulterior e seus constantes reatamentos, de se dedicar a alcançá-lo novamente. Como Aquiles correndo atrás da tartaruga em Lewis Carroll, ela decidia voltar a alcançar o real em jogo nesse momento de atravessamento em que o passe e a invenção clínica se amarravam.

Poderíamos dizer que esse filme é um passe de Sandrine Bonnaire, tal como os Lefort disseram a respeito do quadro de Picasso? Falam de Picasso⁶ considerando os acontecimentos pictórico e subjetivo como indissociáveis, à semelhança daquilo que realiza Lacan ao evocar “o drama subjetivo do sábio” no momento de grandes alternâncias nos paradigmas do conhecimento. Indiscutivelmente, algo assim aconteceu com Picasso na representação feminina como tal. Com sua *Origem do mundo*, Courbet havia atravessado um plano da representação e forçado o século XIX a ver algo da feminilidade que não se podia ver antes que ele se encarregasse de ir além. Picasso, decidindo apagar o marinheiro que olhava o sexo da mulher, forçou-nos a ver, de uma outra maneira, sem essa mediação, a apresentação nova da feminilidade que propunha para o século XX. Esteve obrigado a criar, por isso, um significante novo.

Lacan dizia, a respeito de Claudel, que ele necessitou do acento circunflexo sobre Coûfontaine. Podemos dizer que, para Picasso, fez falta “o nariz em circunflexo”.⁷ Esse nariz inédito seria o ponto que manteria, durante toda sua carreira de pintor, a vontade de ir além da divisão fundamental da representação entre o espaço ocidental — o ponto de fuga de frente — e o espaço oriental — o perfil egípcio ou assírio. Sempre disse que queria pintar um momento no qual essa divisão não fosse ainda possível. Recuperando algo que precede ao espelho, pode vislumbrar algo de “a mulher que não existe”. Jacques-Alain Miller pode mencionar o cinismo de Picasso⁸; não acreditava em nada que não houvesse ele próprio experimentado, em nada que fizesse referência a uma crença comum. Esse cinismo está

⁶ LEFORT, Rosine e Robert. Les demoiselles d’Avignon. *Ornicar?*, Paris, n.46, 1988, p.81-92.

⁷ Conforme o texto de François Leguil na mesma publicação.

⁸ MILLER, Jacques-Alain. *Curso de Orientação Lacaniana 2000-2001*, comentando a exposição “Picasso erótico”, organizado por RMN.

baseado em um momento de certeza, em algo que ele atravessou, algo com que se deparou, inventou e produziu como objeto.

Liberar a psicanálise com crianças

Este *adiantado* mantido por Robert e Rosine, com a sensação de ir com atraso a respeito deles mesmos, começou no “momento de ver” decisivo, que foi a experiência de Rosine com o caso “Robert”, orientada por Lacan. Em 1954, o estatuto de uma palavra *quase* alucinatória, um uivo emitido pelo menino — “O lobo, o lobo!” — que escapava às leis do simbólico, era difícil de situar. Era uma lei insensata, também “o resumo de uma lei”. Nessa época, Lacan qualifica de “supereu” essa medula da palavra, esse “pedaço de real”. Essa palavra não indica não mais do que designa um sujeito falante como tal.

Não é nem ele nem ninguém, é evidentemente “o lobo!” uma vez que ele diz esta palavra. Mas, “o lobo!”... É qualquer coisa enquanto pode ser nomeada. Vocês vêm aí o estado nodal da palavra. O eu é aqui completamente caótico, a palavra está detida. Mas somente a partir de “o lobo!” poderá ocupar seu lugar e se construir.⁹

Quando Lacan diz: “qualquer coisa enquanto pode ser nomeada”, opõe duas teorias da nomeação. Uma, cujo modelo é o que retoma W. V. O. Quine, consiste em reduzir a nomeação a uma designação: “Gravatai: o coelho”. Permanecerá depois aberta a uma incerteza fundamental em relação ao que foi nomeado nesse ato.¹⁰ É o que Quine chama de “o princípio de indeterminação da tradução”. O outro enfoque da nomeação consiste em que é o sujeito quem se nomeia, é ele quem se batiza com sua própria jaculatória: “O lobo!”. É a oposição entre “o lobo” e “o coelho”.

O “lobo!”, como palavra, não está articulado ao intercâmbio. É a primeira versão do que se tornará S1, o significante sozinho. Seu uso será o fio condutor que atravessará a obra de Robert e Rosine Lefort.

⁹ LACAN, Jacques. *El Seminario 1*. Los escritos técnicos de Freud. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1981. p.164. N.T.: No original: “No es ni él ni nadie, es evidentemente ‘¡el lobo!’ en tanto que él dice esta palabra. Pero ‘¡el lobo!’ es cualquier cosa en tanto que puede ser nombrada. Ven aquí ustedes el estado nodal de la palabra. El yo es aquí completamente caótico, la palabra está detenida. Pero sólo a partir del ‘¡lobo!’ podrá ocupar su lugar y construirse”. Na edição brasileira: “Não é nem ele, nem ninguém, é evidentemente, ‘o lobo!’ na medida em que ele disse esta palavra. Mas ‘o lobo!’ é qualquer coisa enquanto pode ser nomeada. Vocês vêm aí o estado nodal da palavra. O eu é aqui completamente caótico, a palavra interrompida. Mas a partir de ‘o lobo!’ que ela poderá encontrar o seu lugar e se construir”. [LACAN, Jacques. *O seminário 1*. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1986. p.125].

¹⁰ QUINE, W. V. O. *Le mot et la Chose*. Paris: Éd. Flammarion, 1977. p.60-61.

O menino do lobo dispõe também de outra palavra, que ele próprio “é” igualmente. Rosine dirá dele, ainda: “Ele é o significante ‘Senhora’. É ‘Senhora’, como prova seu comportamento frente a mim, quando se faz de polícia com as outras crianças ou lhes dá bolachas sem deixar para ele mesmo”.¹¹ Ele é “o lobo” e “Senhora”. Tem duas palavras para nomear seu ser-aí. *O menino do lobo* é igualmente *O menino Senhora*. É fazendo uso ao reverso dessa dimensão de passagem do simbólico no real que o sujeito é conduzido a um “batismo”, a nomear-se por seu grito.

Tendo-se produzido essa nomeação, acontece certo número de efeitos. O menino busca primeiro se desembaraçar dessa palavra, gritando-a em frente aos sanitários. Em seguida, produz-se a construção de uma cadeia metonímica de objetos que permitem a Robert sair de sua angústia fascinada diante do vaso do WC. Frente ao vaso do WC, trata-se de “alojar uma negatividade”, como foi assinalado por Jacques-Alain Miller, mas no real não falta nada. Segue-se, então, a produção de uma reiteração. A negatividade torna-se um excedente a se alojar na constituição da cadeia metonímica. A possibilidade e a lógica da constituição dessa cadeia não cessarão de ser exploradas, sob todos os seus aspectos, por Rosine e Robert Lefort.

Esse enfoque do tratamento das crianças marca o fim de um desvio que distinguia a prática nos anos 50. Era formulado assim, por Lacan:

Função do imaginário, digamos, ou, mais diretamente, das fantasias na técnica da experiência e na constituição do objeto nas diferentes etapas do desenvolvimento psíquico. O impulso proveio, aqui, da psicanálise com crianças, e do terreno favorável oferecido às tentativas e às tentações dos investigadores pela abordagem das estruturações pré-verbais.¹²

Essa é a razão pela qual Robert e Rosine Lefort se distanciaram das aderências kleinianas da psicanálise com crianças — que realça o continente imaginário da projeção —, assim como da importância dada às imagens do corpo por Françoise Dolto. Robert e Rosine Lefort insistiram, também, na recusa a se orientarem pela relação de objeto e, nos termos do *Seminário IV*, se orientarão, sobretudo, pela “falta de objeto”. Sem desconhecer que ao real não falta nada, “a falta de objeto” é somente uma etapa de ruptura. Essa orientação lhes permitiu evitar os impasses com os quais iria se deparar a orientação kleiniana, da qual

¹¹ LEFORT, Rosine. Le S¹, le Sujet et la psychose. *Analytica*, Paris, n. 47, 1986, p.51.

¹² LACAN, Jacques. Função e campo da palavra e da linguagem. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.243.

Meltzer e Tustin trataram de sair a seu modo, ou a prática de Dolto, que tentaram reconciliar com o real.

Para desfazer-se dos prestígios idólatras do corpo e suas imagens, fazia falta uma verdadeira ascese de “orientação para o real”.

Havia uma grande contradição em manter a psicanálise com crianças reduzida a uma técnica de jogo e de desenhos, com tudo que a criança se mostra capaz, tanto mais quanto mais jovem é — inclusive antes que fale —, de nos esclarecer sobre um ponto tão essencial como a constituição do sujeito no discurso analítico... Teria que retomar a psicanálise com crianças a esse nível mínimo, aí onde o corpo aparece de maneira privilegiada como um corpo de significante. Significante, sem dúvida, mas onde o real tem todo seu lugar a partir do objeto *a*, e se o sujeito aparece como efeito do real, é certamente na criança.¹³

À medida que os “paradigmas do gozo” deslocaram-se no ensino de Lacan, o gozo em sua dimensão real ficou à mostra. O *a posteriori* da variação dos usos do “significante sozinho” não cessou de nos orientar na exploração da clínica que Rosine e Robert nos abriram.

De *Nascimento do Outro* (1980) à *A distinção do autismo* (2003), Robert Lefort desenvolveu com Rosine uma obra centrada no tratamento de sujeitos para quem “não existe Outro”. Temos seguido com eles a evolução de seu comentário desse significante sozinho especialmente no caso de Marie-Françoise, que lhes ensinou o que se produz quando “não existe Outro.”

Nessa medida, a prática com crianças, desprendida dos sortilégios de idolatria do corpo e apoiando-se em um simbólico acoplado aos pedaços de real, era ao mesmo tempo fascinante, apaixonante, e produziu um efeito de transmissão que todos, aqui, testemunharam como de um *shock*.

O autismo: um nome do real

Fizemo-nos a pergunta se o autismo é ou não é uma estrutura. A partir do novo paradigma da doença mental nas crianças, o do autismo, torna-se claro que é preciso reformular a questão.

Para alguns, apenas existe o autismo. A pergunta torna-se: Existe psicose distinta do autismo? É nesse sentido que se coloca a indagação no contexto dos transtornos invasivos da

¹³ LEFORT, Rosine e Robert. Le Cereda: Centre d’Étude et de Recherche sur l’Enfant dans le discours Analytique. *Analytica*, Paris, n.44, 1986, p.66.

infância, tal e como se desenvolvem na clínica do DSM, ou no enfoque contemporâneo que não quer considerar no autismo mais que as causas genéticas ou ambientais. É, efetivamente, mais difícil, a propósito da psicose, limitar estritamente o registro da causalidade à oposição causalidade genética/causalidade ambiental.

Mas não é fácil esvaziar da questão do autismo o que existe de elementos comuns, como dizem os Lefort, entre autismo e paranóia. A história da Fundação privada *Autism speaks* nos EUA e a da família Wright mostram o que está em jogo de uma estranha maneira. Essa fundação foi criada em 2004, pelo presidente da cadeia de televisão NBC e dos estúdios Universal, Bob Wright, depois do nascimento de seu neto, diagnosticado como autista. Obteve rapidamente grande quantidade de fundos que, entre 2005 e 2007, lhe serviram para financiar investigações que submetiam à prova as diferentes hipóteses: a hipótese genética, a hipótese de envenenamento por um mercúrio sintético presente nas vacinas e a hipótese de dupla variável segundo a qual um gene poderia ser ativado pelo mercúrio e outras neurotoxinas. Os fundos são significativos: 11,5 milhões de dólares das bolsas para as investigações genéticas e 4,5 milhões de dólares para as investigações sobre as causas ligadas ao ambiente.

A verificação das diferentes hipóteses destroça a família. Como a criança não responde às teorias condutivistas, a filha de Bob e Suzanne, Katy, em busca de uma terapia que fosse eficaz para seu filho, acredita firmemente na virtude de uma purificação pela dieta e pela limpeza dos metais no corpo da criança. Defendendo as investigações atípicas do autor de um livro chamado *Evidência do mal: o mercúrio nas vacinas e a epidemia do autismo*, acusa seus pais de confiarem apenas em estratégias que fracassaram e lhes pede que se retirem em benefício de uma nova geração que teria “uma oportunidade de fazer algo diferente com todo esse dinheiro”. Em junho de 2007, os pais se liberam das posições virulentas de sua filha. Esta lhes critica por atacarem-na pessoalmente.¹⁴ Como se pode ver, a busca da causa não é fácil de levar a cabo, as paixões se desencadeiam e não é impensável que traços persecutórios se revelem nessa ocasião.

O horizonte para o qual os Lefort nos levavam a propósito da estrutura do autismo consiste em poder considerar, desde um mesmo ponto de vista e em série, o leque “do autismo primário precoce de uma criança de 30 meses à estrutura autística de um Proust, passando, entre outros, por Poe, Pascal, Dostoïevski” REFERÊNCIA???. Trata-se de apontar sempre para o mesmo alvo: o gozo do Um. Deleuze também pode escrever um bonito texto sobre

¹⁴ GRAS, Jane y Strom. Stephanie. *International Herald Tribune*, Local???, 19 jun. 2007. p.inicial-final???

Proust dizendo que o que lhe interessava era a loucura que circulava nas entrelinhas.¹⁵ A questão não é saber quem tem razão entre Deleuze e os Lefort, mas poder manter essas diferentes leituras da obra para poder ouvir, no que se apresenta sob a mestria mais acabada da língua “interior”, a presença de *lalíngua*. O que é a raiz da relação ao traumatismo de *lalíngua*. A presença de *lalíngua* pode ser captada tanto pela insistência do significante sozinho — é o autismo — como pelas frases “interrompidas” ou as holófrases. Se seguimos o exemplo dos sujeitos hoje reconhecidos sob a categoria “Asperger”, podemos dizer também que o particular da estrutura autista reside no fato de que a língua possa querer ser interpretada por um sujeito de um modo completamente redutível a um sistema de regras. Tudo na língua poderia, então, deduzir-se, engendrar-se, como se engendra para uma criança uma cadeia metonímica de objetos, e a língua mesma transformar-se em um tipo de sonho chomskiano, uma sequência sem lei.

Com efeito, ao ler testemunhos de autistas de alto nível, os Asperger, como Temple Grandin, encontramos o seguinte: “Recentemente assisti a uma conferência na qual o sociólogo afirmava que os seres humanos não falam como computadores. Nessa mesma noite, no momento do jantar, contei a esse sociólogo e a seus amigos que meu modo de pensar se parecia com o funcionamento de um computador e que eu podia explicar o processo, etapa por etapa”.¹⁶ As regras da linguagem assim apresentadas, disjuntas de toda relação com o corpo, são desligadas de toda relação com o imaginário. Tratar-se-ia de um tipo de apresentação das regras do órgão da linguagem por Chomsky segundo a primeira modalidade, antes de 1983. É o exercício do rigor psicótico, mas sem a contaminação imaginária da construção delirante. O jogo do simbólico é *realizado*, sem equívocos possíveis.

Podemo-nos apoiar nas declarações dos próprios sujeitos. Uma das particularidades desse diagnóstico é o interesse que ele suscita em nossa civilização. Os sujeitos são solicitados a testemunhar, transmitir a originalidade de sua experiência. Os meios reverberam amplamente suas declarações, e as autobiografias são generosamente editadas. O interesse que o século XX manifestou pelos delírios deslocou-se para as proezas técnicas que os “autistas sábios” realizam. Afinal, a patologia que parece mais alheia a toda comunicação dá lugar a uma comunicação estranha e multiforme.

¹⁵ DELEUZE, Gilles. *Proust et les signes*. Paris: Éd. PUF, 2003.

¹⁶ Citado por Jean-Claude Maleval. *Plutôt verbeux les autistes. La Cause freudienne*, Paris, Éd. Navarin, n.66, 2007, p.137.

Podemos ler atualmente o informe de Kamran Nazeer¹⁷ sobre quatro de seus colegas da escola especializada para autistas que frequentou em 1982. Deixou-a para ir a Cambridge, na Inglaterra, e agora trabalha no ministério de Assuntos Exteriores, o ministério mais solicitado da função pública inglesa. Proporciona uma perspectiva autista sobre casos autistas. Um de seus antigos condiscípulos trabalha como analista de discursos políticos em Washington; outro é engenheiro de sistemas de informática; outro é mensageiro de itinerários muito complicados, verdadeiros algoritmos matemáticos. No entanto, nem tudo é cor-de-rosa: uma amiga jovem, pianista dotada, suicidou-se após um episódio depressivo maior. Nesse informe, vemos como sujeitos autistas encontraram soluções perfeitamente autistas que lhes permitiram inserir-se no Outro.

O autismo de alto nível observa seu próprio funcionamento e o dos demais, sem nenhum obstáculo imaginário. O fato de não haver nenhuma empatia não é apenas um “déficit”. Libera de toda “compreensão”. Todo mundo na França também aprendeu a conhecer Daniel Tammet,¹⁸ pois recebeu as honras de *Le Monde*.¹⁹

Ele sofria tanto em sua infância que somente os números podiam acalmá-lo. Os números têm, para ele, uma significação precisa, sorte de imaginário/real misto. Disse:

O número um (1) é de um branco resplandecente. Dois (2) balança lentamente. Três (3) se deita redondo. Cinco (5) ressoa como o som de ondas batendo nas rochas. Nove (9) se ergue muito alto num azul intimidante. Os números têm um tom forte, suave, sombrio, luminoso. Trinta e sete (37) é grumoso feito mingau. Oitenta e nove (89) evoca a neve que cai.

Daniel Tammet faz uma conexão que é também uma fixação a uma sorte de presença imediata do número. Seu talento consiste em poder dizer exatamente, quando lhe é dado uma data de nascimento, o dia desse nascimento, dia que também tem uma cor, daí o título de seu livro. No entanto, *Born in a blue day*, não deixa de evocar o *blues* da depressão. Teve essa obsessão pelos cálculos a partir de uma crise epilética aos quatro anos. Seu momento de celebridade é 14 de março de 2004, dia do nascimento de Einstein, dia que elegeu para enumerar em público os máximos decimais possíveis do número π , uma série da qual não se pode prever a sucessão, verdadeiramente um real sem lei. Obteve 22.514 cifras sem o menor erro; bateu recorde, e de longe. A linguagem dos números tem a mesma estrutura que uma

¹⁷ NAZEER, Kamran. *Send in the idiots, or how we grew to understand the world*. London: Éd. Bloomsbury, 2006.

¹⁸ TAMMET, Daniel. *Nascido em um dia azul*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2007.

¹⁹ LANGELIER, Jean-Pierre. Daniel Tammet, les chiffres comme langage. *Le Monde*, Paris, 05 ago. 2007.

sequência sem lei. É aí o ponto em que linguagem e real vêm conjugar-se em uma espécie de estranha topologia na qual a linguagem se dobra ao real, acerca-se dele, amarra-o, à condição de ter ele mesmo a estrutura de um número real, de uma sequência sem lei, sem modo de resumi-la. Essa conexão da linguagem efetua-se a um corpo, uma cápsula fechada sem bordas que seria o verdadeiro corpo sem órgãos. Para os órgãos de seu corpo, ao contrário, o sujeito está constrangido a lhes inventar sua função com a ajuda de seu sistema de regras. É seu modo de operar semelhante, mas distinto do que o Dr. Lacan diz dos esquizofrênicos: “[...] fica reduzido a descobrir que seu corpo não é sem outros órgãos, e que a função de cada um deles lhe cria problema [...]”.²⁰

Prosseguir o diálogo com o autista

Articular essa linguagem ao corpo mediante regras complicadas, como fazem os autistas de alto nível, é também identificar o que fazem da relação ao “objeto caído” que Pierre-Giles Gueguen isolou.²¹ No diálogo com o sujeito autista, Hervé Damase²² mostra como se pode conseguir, pouco a pouco, alojar esse pedaço, esse misto real no corpo da criança.

Nas observações de Jean Robert Rabanel,²³ o segundo “Boas férias!” não é equivalente ao primeiro. Na primeira vez em que se deseja “Boas férias!” à criança, a separação é insuportável e o sujeito o destrói. O primeiro “Boas férias!” faz surgir o Outro como interlocutor e, então, é preciso destruí-lo. No segundo “Boas férias!”, tudo já foi destruído. Jean Robert Rabanel nos faz ouvir esse momento de circunspeção recíproca que atravessou para se fazer aceitar, tendo sido destruído uma primeira vez. Soube deslizar como *partenaire* do sujeito, no bom momento, e isso não tem nada a ver com a interlocução, nem com a vontade de estabelecer um diálogo. Soube estabelecer um espaço comum que tem muito mais a ver com a destruição sem fim, a aniquilação da linguagem que o sujeito tenta alojar em seu diálogo com o Outro.

Finalmente, a respeito da questão do passe, do passe de Rosine ao passe de Picasso, Rosine e Robert souberam sempre descrever esse momento em que o sistema simbólico vacila e se trata de tomar uma decisão acerca do real em jogo na análise. É o momento em que uma decisão encarnada permite amarrar juntos, de maneira nova, o real, o simbólico e o

²⁰ LACAN, Jacques. O aturdido. In: _____. *Outros Escrito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 475.

²¹ Cf o texto de Pierre-Giles Gueguen na mesma publicação.

²² Cf o texto de Pierre-Giles Gueguen na mesma publicação.

²³ Cf o texto de Pierre-Giles Gueguen na mesma publicação.

imaginário, que apareceram soltos ao longo da experiência mesma. Apenas se esse momento é atingido em análise pode tomar-se uma decisão na prática com os sujeitos autistas e psicóticos. Colocam em perigo toda identificação imaginária, não permitindo prosseguir o diálogo se alguém não se autoriza mais que da identificação histórica. Então, é preciso fazer um luto da identificação histórica. Cada um tem que ter atravessado o ponto desse modo identificatório para cair no terceiro modo identificatório, aquele que põe em jogo o “objeto indiferente” e que, com Lacan, circunscreveríamos melhor como o pedaço de real que está em jogo.

(*) Apresentado em homenagem a Rosine e Robert Lefort, em Paris, no dia 15 de setembro de 2007. Texto extraído de *Carretel*, Psicoanálisis con niños, n.08. Robert y Rosine Lefort: La invención de una práctica con niños orientada a lo real. *Un psicoanálisis orientado a lo real*, p.39-48.

Tradução do espanhol: Maria Rita de Guimarães

Revisão: Heloisa Prado R. da Silva Telles